



Schultz, da Starbucks: parte da rede que atrai novos investimentos para Ruanda

Os amigos ricos de Ruanda

Como um grupo de empresários e políticos dos Estados Unidos e da Europa está ajudando na reconstrução de um dos mais massacrados países africanos

TIAGO MARANHÃO

Ruanda parece o local mais improvável do mundo para se transformar num polo de investimentos. Fica numa das regiões mais pobres do planeta, a África subsariana, tem apenas 11 milhões de habitantes (o equivalente à população da cidade de São Paulo) e foi palco nos anos 90 de um dos maiores e mais brutais genocídios da história, com um saldo de 1 milhão de mortes em apenas 100 dias. Apesar disso, um grupo formado por grandes empresários e políticos influentes dos Estados Unidos e da Europa se faz hoje presente no país, atraindo negócios e ajudando em seu

processo de reconstrução. A turma dos amigos poderosos de Ruanda inclui gente como Eric Schmidt, presidente mundial do Google, Howard Schultz, diretor executivo e fundador da rede de cafeterias Starbucks, e Tony Blair, ex-primeiro-ministro da Inglaterra. Um dos objetivos do grupo é fazer com que a economia da nação, baseada na agricultura de subsistência e no cultivo de café e chá, evolua nos próximos anos e transforme-se num centro de referência de serviços de tecnologia no continente africano. "Nós já passamos pelo inferno, agora chegou a hora de prosperar", afirmou o presidente de Ruanda, Paul

Kagame, numa entrevista recente à revista americana *Fast Company*.

A rede internacional de ajuda começou a ser formada há dois anos. Numa visita a Chicago, nos Estados Unidos, Kagame conheceu Dan Cooper, sócio do banco Fox River Financial Resources, que o apresentou ao diretor executivo da rede varejista Costco, Jim Sinegal. Este, por sua vez, pôs Kagame em contato com Howard Schultz, da Starbucks. O líder africano convenceu vários de seus novos amigos a investir em Ruanda e ajudar a mudar a imagem de miséria e violência associada ao país. Em 2007, quando o auxílio começou a chegar, os investimentos estrangeiros em Ruanda passaram de 16 milhões para 67 milhões de dólares.

A STARBUCKS É HOJE uma das maiores compradoras de café do país (*veja quadro*). A ONG de Schmidt, do Google, iniciou a construção de um hospital que vai consumir 1,2 milhão de dólares. Há outros exemplos, como o da RealNetworks, que por iniciativa de seu fundador e presidente, Rob Glaser, investiu 6 milhões de dólares em centros de saúde e educação em Ruanda com o objetivo de criar cursos técnicos especializados em tecnologia da informação. Nessa área, também se incluem a bolsa de estudos criada por Dale Daeson, um banqueiro do Arkansas, para levar alunos ruandeses para escolas nos Estados Unidos, e um programa de intercâmbio estabelecido por Tony Blair para que funcionários do Whitehall (escritório do primeiro-ministro inglês) e o gabinete de Kagame troquem experiências, ajudando a modernizar a gestão pública ruandesa.

O esforço de reconstrução está apenas no início. Apesar de manter um rit-

Filantropia na África

Algumas das empresas e ONGs que investem em Ruanda e ajudam na reconstrução do país



STARBUCKS

Por iniciativa de seu presidente mundial, Howard Schultz, a empresa se tornou a principal compradora do **café de Ruanda** e hoje arremata 25% de toda a colheita premium do país

SCHMIDT FAMILY

A ONG de Eric Schmidt, principal executivo do Google, já iniciou a construção de um hospital na região de Bugesera, ao sul da capital, Kigali, com investimento de 12 milhão de dólares

REALNETWORKS

Rob Glaser, fundador e presidente do popular provedor de ferramentas de áudio e vídeo para internet, já investiu mais de 6 milhões de dólares em centros de saúde e educação no país

mo de crescimento econômico de 6% nos últimos três anos, Ruanda tem uma renda per capita de 320 dólares, o que a coloca na 194ª posição no ranking do Banco Mundial que avalia o desempenho de 208 países por meio desse indicador. O governo quer quadruplicar a renda per capita até 2020. "O setor privado será o novo motor econômico de Ruanda", afirmou recentemente a ministra do Comércio, Monique Nsanzabaganwa, numa entrevista coletiva à imprensa internacional no país.

A história do líder desse processo de reconstrução é um bom resumo do passado tumultuado e das contradições de Ruanda. Após mais de uma década de exílio em Uganda, Kagame voltou a Ruanda como líder da guerrilha rebelde armada Frente Patriótica Ruandesa, que expulsou do poder em 1994 o ditador Milton Obote. Kagame foi eleito presidente em 2000 por voto indireto e já está no segundo mandato, que vai até 2014. Não há prazo para o reestabelecimento da democracia e o governo ainda cerceia fortemente a liberdade de imprensa. As históricas rixas entre as principais etnias — foco da onda de violência que destruiu o país — ainda não foram apaziguadas. No genocídio de 1994, os hutus massacraram os tutsis. Kagame, que pertence à etnia hutu, tem feito esforços para reintegrar a população. "Mudar a reputação de um país associado a guerras é fundamental para a continuidade do processo de reconstrução econômica de Ruanda", disse a EXAME o economista Jean-Louis Wamholz, professor em Oxford do centro de estudos das economias africanas. •

Anúncio